

OS ACIDENTES DE TRABALHO NA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA DA REGIÃO DE ARARAQUARA (SP)

Dathiê de Mello Franco-Benatti¹

Vera Lucia Navarro²

RESUMO

O processo de trabalho no meio rural brasileiro passou por profundas transformações que afetaram as condições de trabalho e deixaram os trabalhadores mais expostos à ocorrência de acidentes e a diferentes agravos à saúde. O objetivo da pesquisa é conhecer as causas dos acidentes envolvendo trabalhadores da agroindústria canavieira da região de Araraquara (SP) e as consequências de tais ocorrências. A pesquisa, de cunho qualitativo, é fundamentada no referencial teórico e metodológico do materialismo histórico dialético. A pesquisa envolve duas etapas. Na primeira, levantaram-se os acidentes ocorridos no período de 2010 a 2012 por meio dos Relatórios de Atendimento ao Acidentado do Trabalho, disponíveis no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Araraquara. Na segunda, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com trabalhadores acidentados e com profissionais do CEREST, a fim de obter informações acerca do atendimento dispensado aos acidentados. Percebeu-se que os trabalhadores rurais estão expostos a diversos riscos ocupacionais, que podem estar relacionados aos seus acidentes com ferramentas manuais, animais peçonhentos, exposição às radiações solares, exposição ao ruído, divisão e o ritmo intenso de trabalho com cobrança para a produtividade, jornada de trabalho prolongada e exposição a agrotóxicos.

Palavras-Chave: Acidentes de trabalho. Agroindústria canavieira. Saúde do trabalhador. Trabalhadores rurais. Trabalho e Saúde.

¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo
Departamento de Psicologia e Educação
email: dathiemello@yahoo.com.br

² Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo
Departamento de Psicologia e Educação
Email: vnavarro@usp.br
Agência Financiadora: CAPES

Introdução

Nos últimos anos, o setor sucroalcooleiro nacional passou por um momento expressivo em relação à expansão³ da produção devido ao crescente interesse pelo álcool. As empresas nacionais e internacionais investem cada vez mais na produção do etanol (álcool), o que coloca o Brasil⁴ como um dos países mais competitivos do mundo (SILVA, 2008).

De acordo com Ianni (1984), a produção açucareira do Brasil e, em especial do Estado de São Paulo, vinha crescendo desde o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Neste período foi restabelecido e dinamizado o comércio de gêneros alimentícios e outros como as matérias-primas e manufaturados e o açúcar se estabeleceu como um importante comércio internacional de gêneros alimentícios. “Esse foi o contexto no qual se iniciou e desenvolveu uma época notável da agroindústria açucareira no Brasil, em geral, e no Estado de São Paulo, em especial” (IANNI, 1984, p. 47).

De acordo com Teixeira e Freitas (2003), o Estado de São Paulo sobressai-se por ser o mais populoso do país e também por possuir um importante centro agropecuário com relação ao conjunto nacional.

Concentra excelentes condições em virtude da boa qualidade do solo e do clima, além de possuir excelentes fatores estruturais, técnicas aplicadas que favorecem o plantio de culturas diversificadas, como algodão herbáceo, amendoim, cana-de-açúcar, laranja, tomate, arroz, banana, feijão, mandioca, milho, soja, trigo, batata-inglesa, uva e café (TEIXEIRA; FREITAS, 2003, p.82).

As regiões que mais se destacam no cultivo de cana-de-açúcar são as regiões de Ribeirão Preto, Piracicaba, Araraquara e Bauru. Araraquara concentra as atividades dos complexos agroindustriais da cana-de-açúcar e da laranja e, por este fato, tem sido uma atração para os migrantes virem para o trabalho na safra. Esses trabalhadores almejam trabalhar no corte da cana-de-açúcar em busca de melhores condições de vida para sua família. Muitos desses trabalhadores são provenientes das regiões mais pobres do país, como o Nordeste. Em sua maioria são oriundos dos Estados do Maranhão, Piauí e Bahia e também

³ Nos anos de 1950, a cana-de-açúcar no Brasil se concentrava no Nordeste, mas com a valorização do açúcar no mercado internacional, a expansão da produção chegou a São Paulo (ALVES, 2007; NOVAES et al., 2007). Na década de 1960, o Brasil implantou um rigoroso processo de modernização das usinas. A partir da década de 1980, a produção de cana teve um aumento em decorrência da incorporação de novas técnicas de cultivo e da mecanização da lavoura.

⁴ O Brasil é líder mundial na produção de cana-de-açúcar, tendo processado cerca de 569 milhões de toneladas na safra 2008/2009, cerca de 90% do total na principal região produtora do país, a Centro-Sul e 10% no Nordeste (UNICA, 2012).

muitos vêm da região mais pobre de Minas Gerais – o Vale do Jequitinhonha (SILVA, 2008; ALVES, 2007).

No ano de 2011, a produção agrícola, de cana-de-açúcar, do Estado de São Paulo atingiu 406.483.567,59 toneladas, segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA). O valor da produção do Estado de São Paulo correspondeu a cerca de R\$ 26 bilhões em 2011. Nesse mesmo ano, na região de Araraquara foram produzidas 17.938.101,00 toneladas de cana-de-açúcar⁵.

Ao longo dos últimos anos, a riqueza do complexo canavieiro “[...] vem sendo exposta nas vitrines dos *agrishows* em Ribeirão Preto, feiras realizadas com o intuito de revelar o Brasil moderno, com tecnologias avançadas, cuja agricultura é movida tão-somente por máquinas” (SILVA, 2008, p.04).

No entanto, por trás dessas atrações há um mundo invisível “[...] responsável pela gigantesca produção dessa região, escondido no meio dos canaviais e laranjais: o trabalho e os trabalhadores” (SILVA, 2008, p. 04). Desta forma, há um mundo invisível em que vivem os trabalhadores que lutam, trabalham, sofrem, adoecem e morrem em meio ao canavial dividindo espaço com as máquinas no campo.

Desde a década de 1990, o setor sucroalcooleiro tem passado por profundas transformações, que aceleraram a modernização da lavoura canavieira e a expansão das atividades da agroindústria (SILVA; MARTINS, 2009). Cabe lembrar que estas transformações no processo produtivo e na organização do trabalho são de longa data. Em estudo feito na região de Ribeirão Preto (SP), na década de 1980, Ianni (1984) destacava o crescente processo de expansão do capitalismo no campo.

De acordo com Ianni,

[...] tem havido uma crescente mecanização dos processos de trabalho, nas usinas e nos canaviais. O preparo das terras para plantio, a adubação, o plantio, o trato dos canaviais, a aplicação de defensivos são as várias atividades que têm incorporado processos mecânicos. Tudo isso reduz e redefine os usos da força de trabalho nos canaviais, em nome do aumento da produção e da produtividade, para atender às crescentes demandas dos mercados interno e externo (IANNI, 1984, p. 65).

Estas transformações marcadas pela crescente mecanização das atividades produtivas, observadas por Ianni, nas usinas e canaviais, se intensificaram na década de 1990 e resultaram em pioras nas condições de trabalho com consequência para a saúde dos trabalhadores.

⁵ Dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA) do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://ciagri.iea.sp.gov.br/bancoiea/vp.aspx?cod_sis=15> Acesso em 03 jul. 2012.

De acordo com Szmrecsányi (1994) diante da consolidação do processo técnico-científico ocorreram várias mudanças na agricultura: uso intensivo de agrotóxicos, a implantação de novas variedades de cana-de-açúcar e a expansão de máquinas colhedoras de cana. Segundo Alessi e Navarro (1997), Alves (2006) e Faria et al. (2000) essas transformações provocaram, além de aumento na produtividade, mudanças ambientais, nas condições de trabalho, no aumento da precarização das relações de trabalho, na intensificação do trabalho, acarretando o desgaste físico e psíquico dos trabalhadores em função da fadiga e do cansaço.

Tais transformações no mundo do trabalho rural provocaram mudanças na organização e nas condições de trabalho. A intensificação do trabalho tem ocasionado o aumento das doenças relacionadas ao trabalho e criado condições que conduzem ao incremento da probabilidade de acidentes que, por sua vez, acarretam profundos impactos físicos e psíquicos na vida dos trabalhadores. Diante desse contexto, este trabalho teve por objetivo conhecer as causas dos acidentes envolvendo trabalhadores da agroindústria canavieira da região de Araraquara (SP) e as consequências de tais ocorrências

A problemática da pesquisa

O presente estudo tem como sujeitos trabalhadores rurais que sofreram acidentes de trabalho na lavoura canavieira da região de Araraquara (SP).

Os problemas de saúde que acometem os trabalhadores do setor agrícola têm características muito específicas devido às particularidades do trabalho no campo e aos riscos ocupacionais relacionados⁶. No meio rural, segundo Rocha et al. (2010), os trabalhadores diariamente enfrentam inúmeras situações que podem representar prejuízos a sua saúde e colocá-los em situação de vulnerabilidade diante da ocorrência de acidentes de trabalho. Esses trabalhadores estão constantemente expostos a cargas físicas, químicas, biológicas, fisiológicas e psíquicas no ambiente de trabalho que podem proporcionar a ocorrência de acidentes.

Segundo Dejours (1992), para compreender o adoecimento pelo trabalho é fundamental considerar a organização do trabalho que compreende a divisão, o ritmo, a duração da jornada, o trabalho em turnos, o sistema hierárquico, as relações de poder, o

⁶ De acordo com o Guia de Análise Acidentes de trabalho elaborado pelo Ministério do Trabalho Emprego entende-se por risco “exposição de pessoas a perigos. O risco pode ser dimensionado em função da probabilidade e da gravidade do dano possível”. A noção de perigo compreende uma “fonte ou situação com potencial para provocar danos” (BRASIL, 2010a, p. 08).

conteúdo das tarefas, cujas consequências refletem na saúde dos trabalhadores. Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), as condições de trabalho são as pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do posto de trabalho. Essas pressões ligadas às condições laborais têm por alvo o corpo do próprio trabalhador, acarretando desgaste, envelhecimento e doenças somáticas. Por condições de trabalho é preciso entender sobre ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude), o ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos) e também as condições de higiene, de segurança e as características do posto de trabalho (Dejours, 1992).

Esses autores, como também Seligmann-Silva (1994), referem-se às estruturas de organização do trabalho como as que provocam maiores riscos à saúde dos trabalhadores. Desta forma, conhecer e considerar a influência da própria organização do trabalho nas ocorrências de acidentes e nas doenças do trabalho é um desafio a todos os profissionais e pesquisadores da área da saúde do trabalhador⁷.

Segundo Silva et al. (2005) é possível afirmar que no processo de avaliação de riscos, fatores de risco e danos à saúde dos trabalhadores, além das análises das condições materiais de trabalho, é fundamental se atentar aos homens que são responsáveis pela execução das tarefas, avaliando as suas condições fisiológicas, afetivas, experiência acumulada em relação à tarefa e às situações concretas de trabalho nos quais estão inseridos. Assim, “[...] a condução de tal avaliação deve ser centrada num processo de internalidade em relação ao trabalho” (SILVA et al., 2005, p.893).

No trabalho agrícola é possível relacionar alguns perigos e riscos que acometem esses trabalhadores como acidentes com ferramentas manuais, máquinas e implementos agrícolas,

⁷ De acordo com Laurell (1981) a análise do processo de trabalho envolve o próprio trabalho, o instrumento e o objeto. O objeto de trabalho deve levar em conta as suas propriedades físicas, químicas e biológicas, podendo provocar sérios riscos à saúde. Para compreender a lógica global do processo de trabalho denomina a categoria cargas de trabalho: cargas físicas (ruído, calor dentro do ambiente de trabalho), as cargas químicas (pó, fumaça, fibra, vapores, líquidos) e as cargas biológicas (microorganismos). Laurell (1981) também destaca as cargas fisiológicas e psíquicas que são diferentes das citadas anteriormente, pois não têm uma materialidade visível externa ao corpo humano. As cargas fisiológicas poderiam ser um esforço físico pesado ou uma posição incômoda, a alternância em turnos. Já as cargas psíquicas podem abranger dois grupos – tudo aquilo que provoca uma sobrecarga psíquica, ou seja, situações de tensão prolongada. Destacam-se as características do processo de trabalho capitalista, como a atenção permanente, a supervisão com pressão, a consciência da periculosidade do trabalho, os ritmos de trabalho. A outra se refere à subcarga psíquica, ou seja, à impossibilidade de desenvolver e fazer uso da capacidade psíquica, por exemplo, a perda do controle sobre o trabalho ao estar o trabalhador subordinado ao movimento das máquinas, a desqualificação do trabalho, resultado da separação entre sua concepção e execução, a parcelização da tarefa, que redundam em monotonia e repetitividade (LAURELL, 1981, p. 112; 113).

A abordagem em Saúde do Trabalhador tenta resgatar o lado humano do trabalho e os agravos à saúde dos trabalhadores, como desgastes, mal-estares, acidentes e doenças (LAURELL; NORIEGA, 1989).

animais peçonhentos, exposição às radiações solares por longos períodos, exposição ao ruído e às vibrações devido aos tratores e colhedeira, divisão e o ritmo intenso de trabalho com cobrança para a produtividade, jornada de trabalho prolongada, exposição a fertilizantes e agrotóxicos, o que pode causar intoxicações graves e mortais (SILVA et al., 2005). A mecanização agrícola, cada vez mais, vem progredindo, porém isso traz novos fatores de risco. Devido a fatores climáticos e a urgência de certas fases do trabalho rural, como a colheita, fazem com que os operadores de máquina trabalhem muitas horas além do período normal, predispondo-se à fadiga e a acidentes (ALMEIDA, 1995).

Além da mecanização, outro problema é a questão dos agrotóxicos. De acordo com Levigard e Rozemberg (2004) o problema da exposição ocupacional aos agrotóxicos⁸ adquire uma dimensão de forte impacto no que diz respeito à Saúde Pública, pois o Brasil é um dos maiores consumidores mundiais deste produto e o maior da América Latina. É sabido que os agrotóxicos são utilizados na agricultura e que oferecem perigo para a população em geral e para os trabalhadores rurais, especificamente, dependendo da toxicidade, do grau de contaminação e do tempo de exposição durante a aplicação (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1990).

Pires, Caldas e Recena (2005) mostraram em estudos que no Estado do Mato Grosso do Sul, o Centro Integrado de Vigilância Toxicológica registrou, entre 1992 e 2002, “[...] 1.355 notificações de intoxicações provocadas pelo manuseio e pelo uso de agrotóxicos utilizados na agricultura, sendo que 501 dessas notificações foram provenientes da ingestão voluntária desses produtos (tentativa de suicídio), com 139 óbitos” (PIRES; CALDAS; RECENA, 2005, p. 601). A causa das mortes foi a ingestão voluntária de agrotóxicos. Os autores afirmaram que a maioria dessas ocorrências estava relacionada com sintomas de depressão. Neste estudo, os autores também mostram pesquisas realizadas em outros países que evidenciam a correlação forte entre tentativa de suicídio e o uso de agrotóxico⁹.

Os trabalhadores rurais, empregados no corte da cana-de-açúcar, enfrentam longas jornadas de trabalho. Em geral saem de casa entre 5h e 6h30min da manhã e só retornam no fim da tarde. O ritmo intenso de trabalho exige grande esforço físico e provoca prejuízos à saúde. É sabido que os cortadores de cana são acometidos por câimbras, por dores nos braços,

⁸ Alguns efeitos da intoxicação por agrotóxico na saúde dos trabalhadores são: tonteira e tremores, insônia, fraqueza e cansaço, dores de cabeça, irritação nos olhos, náuseas, lesões por esforço repetitivo, depressão, hipertensão, doenças mentais e até mesmo casos de suicídio (ARAÚJO et al., 2007; BEDOR et al., 2009; CASTRO; CONFALONIERI, 2005; FARIA et al., 1999; FARIA et al., 2006; MEYER; RESENDE; ABREU, 2007; PERES et al., 2004; PERES; ROZEMBERG; LUCCA, 2005; RECENA; CALDAS, 2008; SCHMIDT; GODINHO, 2006).

⁹ Uma reportagem sobre esse estudo também foi notícia na Agência FAPESP, no dia 11 de abril de 2005, com o título Suicídio ligado ao agrotóxico. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/3555>> Acesso em: 21 ago. 2012.

decorrentes do esforço físico para cortar a cana¹⁰, pelo cansaço e pelo risco do trabalho a céu aberto em regiões de temperatura elevada. Há também queixas, entre os trabalhadores com relação à assistência médica em caso de doença e/ou acidente de trabalho (FERREIRA et al., 2008). O ritmo intenso de trabalho, as longas jornadas e as suas condições de vida, colaboram para o desgaste físico e mental para os trabalhadores rurais.

De acordo com Novaes (2007) “[...] os elevados padrões de produtividade impostos pelas usinas têm colocado os trabalhadores do corte manual da cana no limite de sua capacidade física, tornando-os mais vulneráveis a doenças e os acidentes no trabalho” (NOVAES, 2007, p. 105).

Os elevados padrões de produtividade, exigido dos trabalhadores, está diretamente ligado à forma de remuneração do trabalho e traz consequências importantes para as suas condições de saúde.

A remuneração por produção, um dos mais perversos mecanismos de exploração desses trabalhadores, implica na intensificação do ritmo de trabalho e no maior desgaste do trabalhador. A existência de metas de produção que estabelecem o corte de 10 a 12 toneladas de cana ao dia, além de estimular a competitividade entre os trabalhadores em benefício das usinas, é também maneira "eficiente" de selecionar os mais aptos a suportarem este tipo de trabalho (GALIANO; VETTORASSI; NAVARRO, 2012, p. 62).

O controle do trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar é feito através de uma organização rígida do processo de trabalho. Segundo Silva,

[...] o controle e a disciplina no ato do trabalho são exercidos por um pessoal especializado: fiscais, feitores, encarregados. Estes controlam os níveis de produtividade, a qualidade do corte, a mediação da cana cortada, o registro da quantidade cortada por trabalhador. Forma-se, assim, a força produtiva do trabalho social. É a combinação das forças reguladas pelo tempo. Essa combinação ocorre graças aos mecanismos de controle criados no próprio processo de trabalho (SILVA, 1999, p. 202).

Outro fator importante a ser estudado, com relação à organização do trabalho no corte da cana, diz respeito à queima da cana. Essa prática de queimar a cana, como facilitador do processo de colheita, é antiga e utilizada em todo o país. É uma técnica que permite o aumento da produtividade. Essa prática traz inúmeras consequências ao ser humano, destacando-se os riscos de acidentes durante a queimada, depreciação do panorama visual

¹⁰ Segundo Alves et al. (2003) apud Alves (2006), na década de 1950 cada trabalhador cortava cerca de três toneladas de cana por dia, na década de 1980 a produtividade passou para seis toneladas de cana e ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, um trabalhador cortava cerca de doze toneladas diárias de cana (ALVES, F. et al. **Políticas públicas para o desenvolvimento auto-sustentável da bacia hidrográfica do rio Mogi-Guaçu**. São Carlos: FAPESP: DEP da UFSCar, 2003. Relatório de pesquisa). Em média, alguns trabalhadores no corte da cana, cortam cerca de 20 toneladas de cana por dia de trabalho. A produtividade do cortador em São Paulo é a maior do país (FERREIRA et al., 2008).

pela exposição dos efeitos da queima, incômodo devido à liberação de fumaça, causados pela fuligem (LANGOWSKI, 2007).

De acordo com Rumin (2004), Rumin, Navarro e Perioto (2008), a ação combinada da intensificação do trabalho e o aumento da dificuldade na execução da tarefa podem acarretar para o trabalhador a elevação na ocorrência de adoecimentos. Os autores afirmam que mesmo quando o trabalho não ocasiona danos físicos, ele deixa suas marcas por meio do sofrimento psíquico, através das exigências da organização do trabalho.

Autores como Wünsch Filho (1999), Binder e Cordeiro (2003) destacam em seus estudos a insuficiência dos dados oficiais sobre a mortalidade e morbidade causadas pelos acidentes de trabalho, devido à inadequação do sistema de registro. Assim, as estatísticas acabam não correspondendo com a realidade acerca dos acidentes que acometem os trabalhadores.

Universo empírico da pesquisa

O município de Araraquara está situado na região central do Estado de São Paulo a uma distância, aproximadamente, de 277 quilômetros da capital paulista.

O município de Araraquara foi fundado em 22 de agosto de 1817. A economia do município está baseada na agroindústria representada pelo binômio cana-de-açúcar e laranja. Outros setores de destaque da economia local são metal-mecânico, indústria têxtil, tecnologia de informação e de serviços (IBGE, 2014).

De acordo com os estudos de Teixeira e Freitas (2003), os municípios que mais registram acidentes de trabalho são aqueles que se encontram,

[...] geograficamente localizados nas áreas de maior valor comercial do Estado e as que empregam mais mão-de-obra para a atividade agrícola, onde concentram-se as atividades dos complexos agroindustriais de cana-de-açúcar e da laranja, que são as mesorregiões de Ribeirão Preto, Araraquara, Campinas e Piracicaba (TEIXEIRA; FREITAS, 2003, p. 90).

No estudo de Silva (2008), sobre os acidentes de trabalho rurais com cortadores de cana e colhedores da laranja da região de Araraquara (SP), foram observados que os acidentes de trabalho fazem parte da rotina desses trabalhadores, principalmente entre os cortadores de cana. “Esses trabalhadores têm o infortúnio de figurar entre os primeiros lugares das estatísticas oficiais do Ministério da Previdência e Assistência Social, em relação ao número total de casos de acidente de trabalho” (SILVA, 2008, p. 16). Porém, um dos problemas averiguado é a questão da subnotificação, principalmente dos casos considerados acidentes leves, ou seja, aqueles acidentes considerados de menor gravidade.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil apontam a cada ano um elevado índice dessas ocorrências. No ano de 2010 foram registrados 701.496 casos de acidentes de trabalho e 15.593 doenças do trabalho no país. Na região Sudeste foram registrados 378.564 acidentes de trabalho, sendo 242.271 acidentes apenas no Estado de São Paulo (BRASIL, 2010b).

Na cidade de Araraquara (SP) mais de 4.600 acidentes de trabalho foram registrados em 2011. Uma lei municipal, aprovada no dia 27 de abril de 2010, tornou obrigatória a notificação de todos os acidentes de trabalho¹¹ registrados pelas Unidades de Pronto-Atendimento médico das redes públicas, conveniadas e privadas, sendo repassadas ao Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) através do Relatório de Atendimento ao Acidentado do Trabalho (RAAT) (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAQUARA, 2010).

Os acidentes de trabalho são retratados como sendo uma forma de violência que atinge milhares de trabalhadores em idade produtiva. Em outro estudo sobre acidentes de trabalho Franco-Benatti (2011) destacou alguns autores que trazem importantes reflexões acerca dessa problemática. Dal Rosso, Barbosa e Fernandes Filho (2001) afirmam que vidas são sacrificadas, tanto em seus aspectos físicos quanto psíquicos e muitas vezes, o trabalhador carrega para o resto de sua vida as marcas dessa violência. Outros estudos como de Santana et al. (2003), Cohn et al. (1985) afirmam que este tipo de violência não é reconhecida como tal pela sociedade e traz implicações sociais e econômicas. Trata-se de um problema de saúde pública, mas que ainda há uma atenção insuficiente por parte das políticas sociais no país.

Segundo Jacques e Jacques (2009) as mortes que ocorrem por acidentes de trabalho, na maioria das vezes, não são registradas nas estatísticas oficiais brasileiras. Segundo as autoras, “a percentagem de registro de acidentes graves e/ou fatais nas estatísticas sinaliza para uma subnotificação daqueles com menores conseqüências, o que corrobora para que o tema não tenha maior repercussão social” (JACQUES; JACQUES, 2009, p. 142).

A relação do trabalho com a saúde física e psíquica dos trabalhadores

Estudos importantes têm abordado a questão dos impactos do trabalho na saúde dos trabalhadores. Não apenas em seu aspecto físico, mas também do ponto de vista psíquico.

¹¹ De acordo com a gestora do Centro de Referência em Saúde do trabalhador (CEREST) de Araraquara, Matilde Damiani, essa lei visa amparar os trabalhadores araraquarenses. Para Damiani, há uma preocupação do atual governo, via Secretaria Municipal de Saúde, “no levantamento de dados e perfil epidemiológico da população trabalhadora para o desenvolvimento de políticas públicas no setor, visando promover e preservar a saúde”. A expectativa, com essa nova lei, é de haver um crescimento no número de notificações de acidentes de trabalho em Araraquara (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAQUARA, 2010).

Estudos realizados por Dejours, Seligman-Silva e outros pesquisadores trazem importantes reflexões acerca da relação entre trabalho e saúde, o que contribui para o desenvolvimento de outras pesquisas na área da saúde do trabalhador.

Há uma relação significativa entre a maneira como o trabalho é organizado e a saúde mental dos trabalhadores (ALDERSON, 2004). Segundo Seligmann-Silva, "os estudos em Saúde Mental no Trabalho (SMT) têm encontrado na organização do trabalho (OT) a fonte preponderante dos agravos psíquicos relacionados com o trabalho" (SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 1143).

Segundo Lancman e Jardim, as exigências excessivas do trabalho levam a um desgaste tanto físico quanto psíquico. "O trabalhador, para manter seu desempenho e a produtividade, sobrecarrega seu organismo ficando mais vulnerável a quadros de adoecimentos" (LANCMAN; JARDIM, 2004, p. 83).

As más condições de trabalho, de acordo com Dejours (1992), colocam o corpo em perigo de modo a aumentar os riscos de acidentes, inclusive de grande amplitude, como queimaduras, ferimentos, fraturas, mortes e de doenças profissionais, que eleva o índice de morbidade, diminuição do período de vida, além de doenças psicossomáticas. "É de natureza mental a ansiedade resultante das ameaças à integridade física. A ansiedade é a seqüela psíquica do risco que a nocividade das condições de trabalho impõe ao corpo" (DEJOURS, 1992, p. 78).

A saúde do trabalhador tem sido foco de muitos estudos, visando não apenas os impactos físicos, mas também os impactos psíquicos. Assim, torna-se fundamental, no contexto da investigação dos acidentes de trabalho, estabelecer a relação entre o trabalho rural e a saúde do trabalhador, pois de acordo com Scopinho (2000) estudos apontam que o padrão de adoecimento do trabalhador rural canavieiro está estritamente relacionado com o modo de organização e de realização do seu trabalho.

De acordo com Alessi e Navarro (1997), as repercussões do trabalho na saúde do trabalhador rural apontam para a necessidade de se aprofundar os estudos sobre a temática Saúde e Trabalho Rural. O debate sobre a temática do acidente do trabalho no meio rural é fundamental, pois no meio rural também se sucederam intensas transformações tecnológicas que modificaram a vida dos trabalhadores, porém são precários os estudos e a disponibilidade de dados sobre o tema (TEIXEIRA; FREITAS, 2003).

A importância de se resgatar a história do acidente de trabalho a partir dos depoimentos pessoais dos acidentados assim como sua percepção sobre o acidente sofrido tem sido destacada em alguns trabalhos que tem se tornado referência na área das Ciências Sociais

e Saúde Coletiva, sobre acidentes de trabalho no Brasil, como os de Cohn et al. (1985), Costa (1981), Wunsch Filho (1999), Machado e Minayo-Gomez (1994).

Conh et al. (1985) tenta desmistificar o fato de que o acidente é uma fatalidade inerente ao próprio trabalho, visto que os dados levantados, em sua pesquisa, como – circunstâncias em que ocorre o acidente, perfil do acidentado, tipos de lesões, ramos de atividades, ritmos e exigências incompatíveis com a segurança – levam a crer, portanto, que são as condições de trabalho os fatores reais para a ocorrência de acidentes. Os autores destacam ainda a importância de se contrapor à frieza dos dados estatísticos os depoimentos pessoais dos acidentados, não só sobre seus acidentes e suas causas, mas também as consequências deste evento na trajetória individual e familiar da vítima.

Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é conhecer as causas dos acidentes envolvendo trabalhadores da agroindústria canavieira e as consequências físicas e psíquicas de tais ocorrências, a partir de seus depoimentos pessoais. Para tanto, são selecionados como sujeitos da pesquisa trabalhadores acidentados, deste setor, cujos registros de seus acidentes constam nos Relatórios de Atendimento ao Acidentado do Trabalho (RAAT) disponíveis no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Araraquara (SP).

Objetivos Específicos

- Conhecer o processo de trabalho dos trabalhadores rurais;
- Verificar as ocorrências e as características dos acidentes de trabalho;
- Traçar o perfil dos trabalhadores rurais acidentados;
- Conhecer a história do acidente de trabalho, a partir dos relatos dos trabalhadores;
- Analisar a percepção dos trabalhadores frente à situação de risco no trabalho;
- Identificar as estratégias de defesa utilizadas pelos trabalhadores perante a organização do trabalho;
- Identificar os impactos físicos e psíquicos do acidente de trabalho na vida do trabalhador rural.

Material e Método

A pesquisa está fundamentada no referencial teórico e metodológico do materialismo histórico dialético, elaborado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), em meados do século XIX, que pressupõe que os fenômenos sociais devam ser entendidos em sua

totalidade. Com base neste referencial, a sociedade é entendida como a totalidade das relações de produção e das forças produtivas, que em seu conjunto formam a estrutura econômica, que corresponde às formas de consciência social e onde se desenvolve o processo de vida social – a superestrutura, jurídica e política. Na base de todas estas relações está o trabalho. A categoria “trabalho” é central no pensamento marxiano. Para Marx é através do trabalho que o homem se relaciona com a natureza para tirar dela os meios para sua subsistência, é através do trabalho que o homem se relaciona com os demais de sua espécie, é através do trabalho que o homem se humaniza, se autoconstrói, transforma a natureza, domina-a e deixa sua marca. A existência do ser humano está ligada, portanto, à autoprodução através do trabalho ao longo da história. No entanto, a organização da produção e do trabalho, com o advento do capitalismo, é marcada pela alienação e sofrimentos humanos, já que o que predomina não é a produção de valores de uso, para atender necessidades humanas, mas sim a produção de valores de troca, fundada na exploração do trabalho e na obtenção de lucros, ou mais-valia. Portanto é a partir da análise de processos de trabalho concretos que os acidentes de trabalho podem ser compreendidos. A compreensão dos acidentes de trabalho nesta pesquisa vai de encontro àquelas adotadas por autores tais como Cohn et al. (1985), Costa (1981), Wunsch Filho (1999), Machado e Minayo-Gomez (1994), Laurell (1981), Rebouças et al. (1989) que comungam a ideia de que não é possível analisar a saúde do trabalhador, e portanto os acidentes que o acomete, observando apenas sua exposição a agentes físicos, químicos ou biológicos, às máquinas e instrumentos de trabalho presentes no ambiente de trabalho. Portanto consideramos que “as máquinas e os donos das máquinas e os produtos manipulados, as relações, ritmo e organização do trabalho, os salários e o prolongamento social disso tudo é que modula a saúde do trabalhador, seqüestra-a e abrevia sua a vida” (REBOUÇAS et al.,1989, p. 23).

A pesquisa de campo combina técnicas de pesquisas sociológicas e etnográficas: entrevistas gravadas focadas na história de vida e trabalho, consulta ao banco de dados do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Araraquara (SP) e produção imagética.

A pesquisa está sendo realizada na cidade de Araraquara (SP) e envolve duas etapas. Na primeira, levantaram-se os acidentes ocorridos no período de 2010 a 2012 por meio dos Relatórios de Atendimento ao Acidentado do Trabalho (RAAT), disponíveis no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Araraquara. Na segunda, ainda em andamento, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com trabalhadores

acidentados e com profissionais do CEREST, a fim de obter informações acerca do atendimento dispensado aos acidentados.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que tem como principal técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. De acordo com Minayo (2007) ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado¹².

[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2007, p. 21).

Segundo Minayo (2004), os dados qualitativos são fundamentais na construção do conhecimento e “[...] podem permitir o início de uma teoria ou a sua reformulação, refocalizar ou clarificar abordagens já consolidadas, sem que seja necessária a comprovação formal quantitativa. O princípio geral é de que todos os dados devem ser articulados com a teoria” (MINAYO, 2004, p. 96). Uma amostra qualitativa privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer também considera-os em números suficientes “[...] para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta [...]” (MINAYO, 2004, p. 102). Desta forma, o estudo qualitativo pode ser alcançado pela diversificação das situações vivenciadas pelos trabalhadores.

Para essa autora, a entrevista é a técnica mais usada no trabalho de campo, pois possibilita ao entrevistado discorrer de forma livre sobre o tema, além de oferecer amplo campo de interrogativas. A fala do entrevistado pode ser,

[...] reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (MINAYO, 2004, p. 109; 110).

Os critérios de inclusão dos trabalhadores entrevistados para esta pesquisa são os seguintes: trabalhadores que tenham sofrido acidentes de trabalho, nos anos de 2010 a 2012, em atividades ligadas à agroindústria canavieira, especificamente aqueles envolvidos com a

¹² Segundo a autora, o universo da produção humana é resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e que o objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

colheita da cana-de-açúcar. Será necessário também que o trabalhador concorde em participar da pesquisa e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Todas as entrevistas são agendadas previamente e realizadas, preferencialmente, no domicílio dos trabalhadores, pois de acordo com Binder e Almeida (2003) a recuperação de informações através de entrevistas com trabalhadores acidentados constitui-se uma tarefa difícil devido à fragilidade em que se encontram esses indivíduos após um evento que lhes deixou marcas e traumas em suas vidas. Portanto, as entrevistas devem resguardar ao máximo a privacidade desses trabalhadores e devem identificar o maior número possível de fatores que levaram ao acidente.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), em sua 113^o Reunião Ordinária, realizada em 25.10.2012, e enquadrado na categoria: Aprovado (CAAE 06697912.2.0000.5407).

Apresentação e análise dos resultados

A apresentação e análise dos dados serão feitas em uma mesma seção, prática esta comum às pesquisas qualitativas. Será realizada análise temática dos conteúdos transcritos. Os dados obtidos através dos depoimentos dos trabalhadores serão divididos por temas, tais como: tipos de acidentes de trabalho que ocorrem no meio rural; como é o processo de trabalho; as queixas de saúde física e mental; aspectos da organização e das condições do trabalho rural; os riscos que esses trabalhadores estão expostos ao exercerem suas atividades; os impactos psíquicos que um acidente pode acarretar na vida desse trabalhador. Estes temas serão analisados a partir da bibliografia selecionada.

De acordo com as informações das RAATs, sobre os acidentes de trabalho rural na região de Araraquara, no ano de 2010 foram registrados 251 acidentes de trabalho, sendo que desses 30 acidentes foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) por serem considerados graves. Em 2011, 231 acidentes e 14 foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) por serem acidentes graves, envolvendo fraturas, amputações, ferimentos cortocotusos, queimaduras e um acidente fatal; no ano de 2012 foram registrados 198 acidentes e 18 notificados no SINAN, envolvendo fraturas, amputações, intoxicação e ferimentos cortocotusos.

Até o momento foram realizadas 12 entrevistas com trabalhadores, sendo 11 com trabalhadores rurais acidentados e uma entrevista com a gestora do CEREST de Araraquara.

Para além da questão das ocorrências dos acidentes de trabalho há que se considerar a questão das consequências que esses acontecimentos acarretam não apenas na vida do trabalhador, mas também na de sua família. Além do diagnóstico e do tratamento, há que se enfrentar também a questão da reabilitação dos acidentados.

Os dados obtidos através do levantamento dos documentos disponíveis no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Araraquara estão sendo tabulados e comporão os quadros ou tabelas que descreverão o perfil dos trabalhadores e dos acidentes de trabalho.

Considerações prévias

Após uma análise sobre as possíveis causas dos acidentes, percebeu-se que os trabalhadores rurais estão expostos a diversos riscos ocupacionais, que podem estar relacionados aos seus acidentes com ferramentas manuais, animais peçonhentos, exposição às radiações solares, exposição ao ruído, divisão e o ritmo intenso de trabalho com cobrança para a produtividade, jornada de trabalho prolongada e exposição a agrotóxicos. Além de o trabalho rural provocar danos físicos, também pode deixar marcas por meio do sofrimento psíquico, através das exigências da organização do trabalho. O diagnóstico dos acidentes de trabalho é relevante para a elaboração de ações que visem estratégias preventivas pelos serviços de Atenção à Saúde do Trabalhador.

Referências

AGÊNCIA FAPESP. **Suicídio ligado ao agrotóxico**. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/3555>> Acesso em: 21 ago. 2012.

ALDERSON, M. La psychodynamique du travail : objet, considérations épistémologiques, concepts et prémisses théoriques. **Santé mentale au Québec**, v. 29, n. 1, p. 243-260, 2004.

ALESSI, N. P.; NAVARRO, L. Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na Região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13 (supl.2), p.111-121, 1997.

ALMEIDA, W. F. Trabalho Agrícola e sua Relação com Saúde/Doença. In.: MENDES, R. **Patologia do Trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 1995, p. 487-544.

ALVES, F. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, v.15, n.3, p. 90-98, set-dez 2006.

ALVES, F. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo: Será esse fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro? In.: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Orgs). **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: Edufscar, 2007. p. 21-54.

ARAÚJO, A. J.; LIMA, J. S.; MOREIRA, J. C.; JACOB, S. C.; SOARES, M. O.; MONTEIRO, M. C. M. et al. Exposição múltipla a agrotóxicos e efeitos à saúde: estudo transversal em amostra de 102 trabalhadores rurais, Nova Friburgo, RJ. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.12, n. 1, p. 115-130, 2007.

BEDOR, C. N. G.; RAMOS, L. O.; FERREIRA, P. J.; RÊGO, M. A. V.; PAVÃO, A. C.; AUGUSTO, L. G. S. Vulnerabilidades e situações de riscos relacionados ao uso de agrotóxicos na fruticultura irrigada. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n.1, p. 39-49, 2009.

BINDER, M. C. P.; CORDEIRO, R. Sub-registro de acidentes do trabalho em localidade do Estado de São Paulo, 1997. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 409-416, 2003.

BINDER, M. C. P.; ALMEIDA, I. M. Acidentes do trabalho: acaso ou descaso? In: MENDES, R. **Patologias do trabalho**. São Paulo: Atheneu, 2003.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Guia de Análise Acidentes de Trabalho**. Brasília, DF, 2010a.

BRASIL. Ministério da Previdência Social. Instituto Nacional do Seguro Social. **Anuário Estatístico da Previdência Social**. Brasília: MPS/DATAPREV, 2010b.

CASTRO, J. S. M.; CONFALONIERI, U. Uso de agrotóxicos no Município de Cachoeiras de Macacu (RJ). **Ciência e saúde coletiva**, v. 10, n.2, p. 473-482, 2005.

COHN, A.; KARSCH, U. S.; HIRANO, S.; SATO, A. K. **Acidentes do Trabalho: Uma forma de violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COSTA, M. R. da. **As vítimas do capital: os acidentes do trabalho**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

DAL ROSSO, S.; BARBOSA, M. L.; FERNANDES FILHO, H. P. Intensidade do trabalho e acidentes. In: SILVA, J. F. da; LIMA, R. B. de; DAL ROSSO, S. (Org.). **Violência e Trabalho no Brasil**. Goiânia: Ed. UFG; Brasília: MNDH, 2001.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Oboré Editorial, 1992.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FARIA, N. M. X.; FACCHINI, L. A.; FASSA, A. G.; TOMASI, E. Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). **Revista Saúde Pública**, v. 33, n. 4, p. 391-400, 1999.

FARIA, N. M. X.; FACCHINI, L. A.; FASSA, A. G.; TOMASI, E. Processo de produção rural e saúde na serra gaúcha: um estudo descritivo. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n. 1, p.115-128, jan-mar, 2000.

FARIA, N. M. X.; VICTORA, C. G.; MENEGHEL, S. N.; CARVALHO, L. A.; FALK, J. W. Suicide rates in the State of Rio Grande do Sul, Brazil: association with socioeconomic, cultural, and agricultural factors. **Caderno de Saúde Pública**, v. 22, n.12, p. 2611-2621, 2006.

FERREIRA, L. L.; GONZAGA, M. C.; DONATELLI, S.; BUSSACOS, M. A. **Análise Coletiva do Trabalho dos Cortadores de Cana da Região de Araraquara - São Paulo**. São Paulo: Fundacentro, 2. ed., 2008.

FRANCO-BENATTI, D. M. **Acidentes e doenças relacionadas ao trabalho na indústria de calçados de Franca – SP**. 2011. 262f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17139/tde-27092011-112908/pt-br.php>> Acesso em: 21 ago. 2012.

GALIANO, A. M.; VETTORASSI, A.; NAVARRO, V. L. Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores? **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, n. 37, v. 125, p. 51-64, 2012.

IANNI, O. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Calendário. Aniversário de Araraquara**. 2014. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/calendario-teen-7a12/event/148-aniversario-de-araraquara-sp>> Acesso em jan., 2014.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (IEA) DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Valor da produção dos principais produtos da agropecuária do Estado de São Paulo**. Disponível em: < <http://ciagri.iea.sp.gov.br/bancoiea/vp.aspx?cod%20sis=15> > Acesso em 03 jul. 2012.

JACQUES, M. G.; JACQUES, C. C. Acidentes de trabalho e implicações psicossociais: uma discussão introdutória. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 3, n. 2, mar. 2009.

LANCMAN, S.; JARDIM, T. A. O impacto da organização do trabalho na saúde mental: um estudo em psicodinâmica do trabalho. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 82-89, maio/ago. 2004.

LANGOWSKI, E. **Queima da cana – uma prática usada e abusada**. 2007. Disponível em: <<http://www.apromac.org.br/QUEIMA%20DA%20CANA.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

LAURELL, A. C. Processo de Trabalho e Saúde. **Saúde em debate**, 1981, Vol. 11.

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde-Trabalho e desgaste operário**. Tradução: Amélia Cohn; Ana Pitta-Hoisel; Ana Isabel Paraguay; Lucia Helena Barbosa. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

LEVIGARD, Y. E.; ROZEMBERG, B. A interpretação dos profissionais de saúde acerca das queixas de “nervos” no meio rural: uma aproximação ao problema das intoxicações por agrotóxico. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1515-1524, 2004.

MACHADO, J. M. H.; MINAYO-GOMEZ, C. Acidentes de Trabalho: Uma Expressão da Violência Social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 74-87, 1994. Suplemento 1.

MEYER, T. N.; RESENDE, C. I. L.; ABREU, J. C. Incidência de suicídios e uso de agrotóxicos por trabalhadores rurais em Luz (MG). **Revista Brasileira Saúde Ocupacional**, v. 32, n. 116, p. 24-30, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento-pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NOVAES, J. R. P.; CONDE, F.; MAIANE, R.; ZEITUNE, T. **Cortadores de cana do interior do estado de São Paulo**. Relatório das Situações-Tipo Brasil. 2007.

NOVAES, J. R. P. Idas e vindas: disparidades e conexões regionais. Um estudo sobre o trabalho temporário de nordestinos na safra da cana paulista. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org). **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2007.

PERES, F.; LUCCA, S. R.; PONTE, L. M. D.; RODRIGUES, K. M.; ROZEMBERG, B. Percepção das condições de trabalho em uma tradicional comunidade agrícola em Boa Esperança, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, p. 1059-1068, 2004.

PERES, F., ROZEMBERG, B.; LUCCA, S. R. Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.6, p. 1836-1844, 2005.

PIRES, D. X.; CALDAS, E. D.; RECENA, M. C. P. Uso de agrotóxicos e suicídios no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.598-605, mar-abr, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. **Câmara aprova lei do Executivo que obriga notificação ao Cerest de todos os acidentes de trabalho. 2010**. Disponível em: <<http://www.araraquara.sp.gov.br/noticia/Noticia.aspx?IDNoticia=1776>>. Acesso em: 03 out. 2011.

REBOUÇAS, A. J. de A. et al. **Insalubridade: morte lenta no trabalho**. São Paulo: Oboré Editorial, 1989.

RECENA, M. C. P.; CALDAS, E. D. Percepção de risco, atitudes e práticas no uso de agrotóxicos entre agricultores de Culturama, MS. **Revista Saúde Pública**, v. 42, n. 2, p. 294-301, 2008.

ROCHA, F. L. R.; SOUZA, J. A.; MARZIALE, M. H. P.; ROBAZZI, M. L. C.; GABRIEL, C. S. Perfil de adoecimento de trabalhadores rurais no interior do estado de São Paulo. **Ciênc. Cuid. Saude**, v.9, n.4, p. 713-720, out/dez 2010.

RUMIN, C. R. **Trabalho rural e saúde: um estudo das condições de trabalho e sua relação com a saúde dos cortadores de cana-de-açúcar do município de Pacaembu – SP.** 2004. 166f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

RUMIN, C. R.; NAVARRO, V. L.; PERIOTO, N. W. Trabalho e saúde no agrobusiness paulista: estudo com colhedores manuais de cana-de-açúcar da região oeste do Estado de São Paulo. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v.11, n. 2, p. 193-207, 2008.

SANTANA, V.; MAIA, A. P.; CARVALHO, C.; LUZ, G. Acidentes de trabalho não fatais: diferenças de gênero e tipo de contrato de trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 481-493, mar./abr. 2003.

SCHMIDT, M. L. G.; GODINHO, P. H. Um breve estudo acerca do cotidiano do trabalho de produtores rurais: intoxicações por agrotóxicos e subnotificação. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 31, n. 113, p. 27-40, 2006.

SCOPINHO, R. A. Qualidade Total, Saúde e Trabalho: Uma Análise em Empresas Sucroalcooleiras Paulistas. **Rev. Adm. Contemp**, v. 4, n. 1, p. 93-112, Jan./Abr. 2000.

SELIGAMNN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado.** Editora UFRJ; Cortez Editora, 1994.

SELIGMANN-SILVA, E. Psicopatologia e Saúde Mental no Trabalho. In: Mendes, R. **Patologia do trabalho.** São Paulo: Atheneu, 2002, p. 1141-1182.

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do Século.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SILVA, J. M., NOVATO-SILVA, E.; FARIA, H. P.; PINHEIRO, T. M. M. Agrotóxico e trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n.4, p. 891-903, 2005.

SILVA, M. A. M. Mortes e acidentes nas profundezas do ‘mar de cana’ e dos laranjais paulistas. **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, v.3, n.2, Artigo 1, abr./ agosto 2008.

SILVA, M. A. M.; MARTINS, R. C. A modernidade da economia Junker à moda contemporânea do rural paulista: a degradação social do trabalho e da natureza. In.: NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. (orgs). **Retratos do trabalho no Brasil.** Uberlândia: Edufu, 2009, p. 279-327.

SZMRECSÁNYI, T. Tecnologia e degradação ambiental: o caso da agroindústria canavieira do estado de São Paulo. **Informações econômicas**, São Paulo, v.24, n.10, p.73-82, out. 1994.

TEIXEIRA, M. L. P.; FREITAS, R. M. V. Acidentes do trabalho rural no interior paulista. **São Paulo em perspectiva**, v.17, n. 2, p. 81-90, 2003.

UNICA. **União da Indústria de Cana de Açúcar**. Disponível em: < <http://www.unica.com.br/FAQ/> > Acesso em: 03 ago. 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Public health impact of pesticides used in agriculture**. Genebra, 1990.

WÜNSCH FILHO, V. Reestruturação produtiva e acidentes de trabalho no Brasil: estrutura e tendências. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 41-51, jan./mar. 1999.